prosa

Flávia
Leal

Aos pés da figueira

Personagens

MÃE, quarenta e poucos anos, palestina, muçulmana, poeta, tradutora, perdeu o marido e o filho mais velho mortos na Faixa de Gaza.

FILHA, cerca de 12 anos, palestina, muçulmana.

Ambientes

Casa da mãe e da filha

Figueira localizada perto da Universidade al-Israa.

Flávia Leal é escritora, poeta e editora. Autora de *Vertigem* (Editora Patuá), tem contos e poemas publicados em diversas antologias. Colaborou com a dramaturgia da peça *Opereta das traças: teatro almanaque*, contemplada com o Prêmio Zé Renato. Escreve seu primeiro romance na pós-graduação Formação de Escritores, do Instituto Vera Cruz.

ISSN 2526-4966

Peça em um ato

CENA 1

Mãe e filha jantam mujaddara. Um jantar em ruínas com o que sobrou na despensa. A mãe não contou à filha, mas acabaram arroz e lentilha. A última mujaddara estava na panela de barro. Ela não faz ideia do que irão comer no dia seguinte. A cidade de Gaza está em chamas. As bombas gritam, os estômagos também. Não há mais lentilha. Não há mais arroz. Marido e filho mortos. Amigos mortos. Só restaram a mãe e a filha. A mãe, a filha e a última mujaddara na panela de barro.

Filha: Mãe, sonhei que me enterraram. Me enterraram e deixaram meus cabelos pra fora.

(A mãe coloca um pouco de mujaddara no prato da filha. Em seguida, põe a panela de barro na mesa.)

Mãe: Come, filha. Essa mujaddara tá quase tão boa quanto a de sua avó.

Filha: Eu estava deitada no chão do pátio da escola. Meu corpo ainda estava quente. Embaixo de mim, tinha traços de giz. Eram desenhos, não me lembro que desenhos. Algumas crianças deviam ter brincado ali uns dias antes. Os traços se abriram, fazendo um buraco no chão. Eu ia mergulhando na terra.

Mãe: Come, filha. Depois a gente pode ler uma história juntas, que tal?

Filha: Uma pá. Uma pá enorme. Um homem com uma pá. Me enterraram sem fazer oração. Acho que. Acho que inferno não existe.

Mãe: Chega disso, filhinha. Depois vou fazer um chá pra você. Ainda tem hortelã, você quer tomar mais tarde?

Filha: Pode ser. A cebola tá um pouco crua.

Mãe: Você acha? Peraí, do fundo da panela deve estar melhor.

(A mãe coloca um pouco mais de mujaddara no prato da filha.)

Filha: Do que a senhora mais sente falta?

Mãe: Falta?

Filha: De antes.

Mãe: Do vento. Você percebeu que não venta mais?

Filha: É, o vento secou.

Mãe: Sinto falta do barulho do apontador do lápis de seu pai quando ele corrigia as provas. Do cheiro de canela do seu irmão. Das pintas roxas das mãos da sua avó. De ouvir o barulho da água caindo de uma bica.

Filha: Eu também sinto falta de ouvir.

Mãe: E você, filha, sente mais falta de quê?

Filha: Eu? Acho que... *(Ela hesita por um momento e demora alguns segundos para responder.)* ...de não precisar tirar o coração do peito quando me levanto da cama.

Mãe: Você pode dormir comigo hoje, tá bem?

Filha: O que acontece depois, mãe?

Mãe: Depois de quê?

Filha: Depois. *(A mãe fica em silêncio.)*

Filha: Acho que depois é só o vento.

(A mãe põe mais mujaddara no prato da filha.)

Filha: Tá gostoso mesmo, mãe. Tive uma ideia: e se a gente pendurar um balanço na lua?

(O palco fica escuro, mãe e filha jantam em silêncio, há apenas uma luz central na mesa. Barulho de bombas explodindo.)

CENA 2

Bombas são lançadas no bairro da mãe e da filha. A rua está em chamas. A poeira cobre tudo. O estrondo da explosão é seguido por um silêncio aterrador. Parte da casa da mãe e da filha desmorona, e desaparecem porta-retratos, livros, a penteadeira de carvalho que a mãe herdou da avó, o guarda-chuva, a bicicleta. Em poucos minutos, a casa da família vira poeira, não restando uma vaga lembrança da história que se apaga com todo o bairro. A panela de barro com mujaddara também explodiu, alguns pedaços entraram na pele da filha, atingindo o pescoço e o abdômen. A filha sangra, mas está viva. A mãe a retira da casa e elas conseguem sair antes de tudo desmoronar. Nas ruas, há muita poeira, corpos, casas desabadas. Elas não encontram ninguém vivo. Elas caminham em direção à Universidade al-Israa, que não foi atingida pelo bombardeio naquela noite. Mãe e filha se sentam embaixo de uma figueira. A mãe olha para as folhas da figueira no chão, a filha está sentada ao seu lado, com a cabeça repousada em seu ombro.

Mãe: Olha, filha, os pássaros escreveram nas folhas de figo.

Filha *(Está muito machucada, responde com a voz fraca)*: É só o vento, mãe.

Mãe: Eles escrevem nas folhas da figueira e, quando elas caem, contam os poemas pra terra. Os pássaros gostam muito da terra, eles são um pouco de terra como a gente. Um pouco de terra e muito vento. Eles buscam durante toda a vida o poema que irão escrever. Eles usam a tinta da chuva. Eles escrevem com as gotas da chuva. Eles buscam a última gota que descansa nos olhos moles do figo antes de cair. É essa gota que traz o poema deles.

Filha: É só o vento, mãe.

Mãe *(Olha para o céu)*: Uma noite sem estrelas. Hoje é uma noite sem estrelas, filha. *(Ela se lembra de um poema de Mosab Abu Toha.)*

"Em uma noite sem estrelas,

eu viro de um lado para o outro.

A terra treme, e eu caio da cama.

Olho pela minha janela. A casa

vizinha não existe mais. Está deitada, como um velho tapete no
chão da terra, pisoteada por mísseis, largos chinelos
voando de pés sem pernas.
Eu não sabia que meus vizinhos ainda tinham aquela pequena TV,
que aquele quadro antigo ainda estava pendurado em suas paredes,
que a gata deles tivera filhotes."

Filha: É só o vento.

Mãe: Será que agora dá pra ouvir o silêncio? Uma cidade engolida por um vulcão deve ter ouvido. Mas e uma cidade engolida por bombas?

Filha: É só.

Mãe: Ruínas em Gaza, ruínas em Rafah, ruínas, ruínas.

Filha: O vento.

Mãe: Uma árvore é uma família de plantas únicas, filha. Não é um indivíduo solitário, é uma comunidade. As plantas escolheram ficar presas à terra, enraizadas. E embaixo da terra, existe um mundo. Uma rede de raízes capaz de quebrar o asfalto, o cimento e até o granito. Essa figueira sabe, filha. Ela sabe muito. Ela vai tomar conta das nossas ruínas.

Filha *(Voz muito fraca, quase não dá para ouvir)*: É só.

Mãe: Você sente? Toca no chão agora, filhinha. *(A mãe encosta uma das mãos da filha na terra.)* Acho que a figueira tá falando com a gente. A voz dela não é um som, mas uma vibração, que a gente consegue ouvir com as mãos. Você sente? São as raízes. Acho que elas estão cantando.

(*Sobe uma música instrumental de Simon Shaheen, pode ser "Taqasim Oud": https://www.youtube.com/watch?v=q2PI1ySPAjI. Mãe e filha, com as mãos no chão, sentem a vibração das raízes da figueira.*)

Mãe *(A mãe abraça a filha quase morta)*: Um abraço, minha filha, contém gerações. Versões incontáveis de você, de mim, do seu irmão, do seu pai, de seus avós, e de tantos outros que não lembramos os nomes.

CENA 3

A mãe deita a filha no chão. Toca uma música de Rim Banna, pode ser "O ausente": https://www.youtube.com/watch?v=B6XKRx9xSIQ. Aos pés da figueira, a filha se une aos poucos às raízes.

Mãe *(Para a árvore)*: Dá pra esperar só mais alguns anos? Ela ainda respira. Dá pra esperar mais alguns meses? A pele dela é tão bonita. Mais um dia? O que é um dia na vida de uma árvore?

(A mãe está ajoelhada ao lado do corpo da filha.)

Mãe *(Para a árvore)*: O que você quer em troca? Te dou a chuva. Um dia. Ela ainda tem mais um dia. Te dou o ar. Um dia. Ela ainda tem.

(Dá socos nas raízes.)

Mãe *(Grita para a árvore)*: Sua seiva pode alimentar minha filha?

(Desiste de dar socos na árvore ao perceber que as raízes da figueira começam a enlaçar o corpo da filha.)

Mãe: Você está entrando na barriga da terra, minha filha. Seus cabelos, unhas, dedos, mãos, pés, nariz e olhos caem... são folhas de outono.

(A mãe cobre o corpo da filha com as folhas da figueira.)

Mãe: Sua voz agora vibra como cordas vocais dessas raízes. Eu te escuto com meus pés, com minhas mãos, com meu coração.

(As raízes da figueira enlaçam o corpo da filha.)

Mãe: Você me disse um dia que seu maior sonho era ser astronauta. Você percebe? Veja o tronco de sua figueira: ela tem anéis de Saturno. Você conseguiu, minha astronauta.

(As raízes da figueira enlaçam o corpo da filha.)

Mãe: Você cresceu. A sua sombra agora é maior, muito maior que a minha. Sabia que ia ver você crescer.

(As raízes da figueira enlaçam o corpo da filha.)

Mãe: Raízes deserto. Raízes floresta. Raízes sementes. Raízes em sua faringe, laringe, amígdalas, tireoide. Raízes caverna, estalactites. Raízes músculos. Ossada de raízes. Cidades escavadas de raízes. Tempo. Rocha. Labirinto. Raízes ruínas. Poeira de raízes. Restos de raízes em outras raízes em outras raízes em outras raízes.

(As raízes da figueira enlaçam as mãos da mãe.)

Mãe: Eu plantei você, filha.

(É projetado no telão um poema de Hiba Abu Nada, escritora palestina de 32 anos morta em 2023 durante os bombardeios em Khan Yunis.)

"A noite da cidade é escura,
exceto pelo brilho dos mísseis.
Silenciosa, exceto pelo som do bombardeio.
Aterradora,
exceto pela promessa lenitiva da oração.
Tenebrosa,
exceto pela luz dos mártires."
Hiba Abu Nada (1991-2023)

(Depois do poema, aparece no telão o texto)

No dia 17 de janeiro de 2024, a Universidade al-Israa foi reduzida a pó após a detonação de 315 explosivos pelo exército israelense.

A figueira permaneceu. A figueira e suas raízes. ■